

1. Introdução

1.1. Apresentação do Tema

Este trabalho trata do desenvolvimento dos conceitos de *Megaestrutura* e de *Forma em Grupo*, elaborados na virada dos anos 1950/1960 como alternativas ao modelo de urbanismo modernista proposto na Carta de Atenas. E também verifica os desdobramentos desses conceitos, seja através do conceito de *Bigness*, elaborado pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas, seja através do arsenal urbanístico das *Linkagens* nas *Formas em Grupo*, elaborado pelo arquiteto japonês Fumihiko Maki.

O conceito de megaestrutura foi desenvolvido a partir de grupos heterogêneos de arquitetos ou não-arquitetos dispersos pelo mundo, preocupados com a questão comum do crescimento acelerado das cidades no contexto da reconstrução espantosa pós-Segunda Grande Guerra. As megaestruturas resolveriam os problemas provocados pela alta concentração demográfica, tanto no sentido ordenador da forma da cidade, quanto em termos de seu dinamismo programático e também da qualidade lúdica e “*não alienante*”, que era estimulada em muitas dessas estruturas através da participação ativa dos ocupantes. Flexível e estável, tal bivalência formal seria possível devido à composição estrutural dupla, que mantinha vidas úteis diferenciadas. Elas não tomavam como referência o paradigma modernista da máquina, mas um organismo biodinâmico que determinava um sistema aberto, mutante. Os projetos foram assumindo escalas monumentais e aspecto visionário, que eram fomentados pela atmosfera de otimismo, pela disponibilidade de alta tecnologia e pela prosperidade da economia pós-capitalista. O movimento que se desenvolveu a partir de tais ideias, o Megaestruturalismo é considerado por Koolhaas o último movimento de vanguarda moderna ocidental e, através do grupo japonês Metabolista, o primeiro movimento de vanguarda oriental.

Foi exatamente nos países afetados pela Guerra, que surgiram as primeiras escolas megaestruturalistas. Apesar de compartilharem certas ideias comuns, o

Metabolismo japonês, o Urbanismo Espacial francês e a escola italiana do *Città-territorio* apresentavam diferenças entre si, tanto pela diferença de contexto político e cultural como em termos de preferências na utilização de recursos tecnológicos. As escolas, japonesa e italiana, surgiram a partir de laboratórios universitários, a francesa oriunda de ambientes heterogêneos de arquitetos autônomos, estrangeiros e franceses, reunidos em grupos tais como o GIAP para a pesquisa experimental. Todas elas seguiam a visada progressista, que pressupunha a atuação política forte do Estado e a demanda por projetos em escalas monumentais, usando a alta tecnologia. Tais grupos acabaram sendo tratados como um fenômeno da arquitetura mundial após 1964. As megaestruturas arquitetônicas davam continuidade ao sentido de *arquitetura total*¹ das vanguardas construtivas ao apresentar em seu programa “*todas as funções de uma cidade ou de parte dela*”². A crítica ao caráter totalizante dessa arquitetura, que incorria num determinismo que almejavam evitar por princípio, passou a ser ainda mais enfatizada no contexto revolucionário dos movimentos de Maio 1968, quando sua associação às instituições de Poder, devido ao seu alto custo, passou a ser vista com desconfiança.

O conceito de megaestrutura é retomado pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas. Através do manifesto, “*Bigness, or the problem of the large*”, Koolhaas critica o abandono pelos arquitetos dessas grandes escalas no Ocidente. Seu manifesto se posiciona em favor da retomada da grandeza através do projeto de arranha-céus e outras megaestruturas que seriam para ele, “*o último bastião da arquitetura*”, a única possibilidade para o legítimo exercício da profissão da arquitetura na escala urbana sem incorrer nos erros dos modernistas, fixados na determinação da qualidade total do projeto. Rem Koolhaas requalifica a megaestrutura a partir do conceito de “*Bigness*”, que é definido por ele como *instabilizador programático* decorrente do divórcio (“*lobotomia*”) nas megaestruturas entre a performance e a aparência, entre o interior e a fachada, entre o conteúdo e a forma. Seria exatamente a escala monumental que

¹ GROPIUS, Walter. **Bauhaus: Novarquitetura**. São Paulo, 1972. p. 220. “*O arquiteto ou urbanista, digno desse nome, deve dispor de visão e fantasia a fim de chegar a uma verdadeira síntese para a cidade do futuro cuja concretização eu gostaria de chamar “arquitetura total.”*”

² MAKI, F. *Investigations in Collective Form*, 1964, em *Nurturing Dreams, collected essays on architecture and the city*, 2008, p.47.

impossibilitaria o determinismo programático dos interiores arquitetônicos, podendo eles ser adaptados às complexas e caóticas demandas da grande cidade contemporânea.

O interesse de Koolhaas pela questão metropolitana e, conseqüentemente pela questão das grandes quantidades e densidades direcionam-no, após a investigação sobre o *manhattismo*, para a Ásia, onde o Megaestruturalismo teve continuidade através da disseminação da arquitetura Metabolista pelo Oriente, Oriente Médio e por países recém-independentes da África. Seus arquitetos deixaram um vasto legado, mesmo após o fim do Metabolismo em função da orientação neoliberal da economia japonesa nos anos 1980. Essa continuidade permitiu a eles desenvolverem ferramentas arquitetônicas e urbanísticas que se diferenciavam da abordagem adotada pelos arquitetos pós-modernos ocidentais. Uma das figuras proeminentes na elaboração desse instrumental moderno japonês foi o arquiteto metabolista Fumihiko Maki. Dentro desse grupo, ele foi o único arquiteto japonês com formação complementada no Ocidente, onde pode acompanhar de perto o movimento de revisão da arquitetura moderna e o surgimento da disciplina do *Design Urbano*. Sua experiência nos EUA pode ter contribuído para que ele tivesse uma visão crítica em relação ao urbanismo proposto pelo próprio grupo Metabolista³ e fornecesse novos paradigmas para o urbanismo contemporâneo, como o conceito de *Forma em Grupo*. Maki acreditava que essa noção oferecia um paradigma alternativo para os tipos de ordem que arquitetos e Utópicos⁴ ocidentais propunham, calcados em grandes obras de engenharia e na determinação de um *Plano Diretor* com determinações programáticas estáticas. O instrumental abstrato de Maki possibilitava o desenvolvimento de um novo tipo de urbanismo⁵, que pressupunha um sistema

³ “Maki was concerned with organic urban growth and linkage more than masterplanning, and in the outside world more than in (only) improving the conditions of Japan. Maki’s apparently fundamental differences from other Metabolists again calls into question the coherence of the group, suggesting that its membership structure and principles were in themselves fluid, changeable, metabolic.” KOOLHAAS, *Project Japan*, p. 295.

⁴ Utopia e onipotência que alicerçava as propostas modernas por tentar pensar e resolver através da arquitetura e da tecnologia todas as mazelas sociais. TAFURI, M., *Arquitetura e Utopia*.

⁵ O instrumental de Maki é denominado por Koolhaas de “urbanismo pós-CIAM”: “(...) and they (Maki e Otaka) collaborate on a definition of Group Form in Metabolism 1960: a post-CIAM urban planning that surrenders to change rather than imposing mastery, and that asserts independence among disparate, even unfinished elements, rather than hierarchy and isolation. Group Form is both spontaneous and ancient “an intuitive”, visual expression of the energy and

aberto, capaz de se adaptar de forma espontânea ao dinamismo urbano e à passagem do tempo. Ele proporcionava aos arquitetos um meio operativo, que levava em questão a crítica incipiente à utopia e onipotência dos preceitos modernos sem, no entanto, abandonar sua linguagem abstrata.

A importância que Koolhaas atribui ao *urbanismo makiano* no Oriente se coloca como chave de leitura para esta dissertação entrar nesta outra cultura arquitetônica, ainda que perseguindo a evolução do conceito de megaestrutura como continuidade da arquitetura moderna como um todo. Minha hipótese é de que isso se deve, não apenas por ele ter encontrado lá um instrumental inovador, que reintroduz as questões das grandes quantidades, do monumentalismo e do pensamento da totalidade, inerentes ao pensamento urbanístico e que haviam sido abandonados pelos arquitetos pós-modernos, mas também pelo fato desse instrumental arquitetônico oriental estar alicerçado na mesma premissa desenvolvida por ele através da *Arquitetura do Muro de Berlim*, e confirmada em sua pesquisa sobre o arranha-céu nova-iorquino: a forma arquitetônica estaria dissociada de significados intrínsecos, seria *Vazia*.

Minha pesquisa se desdobrou em seis temas principais: o Megaestruturalismo, o Conceito de Espaço-movimento, a trajetória de Fumihiko Maki a partir do Metabolismo, seus conceitos urbanísticos e, por fim, a trajetória de Rem Koolhaas, sua autocrítica como representante da geração de Maio de 68, e sua retomada do Moderno e da questão metropolitana por meio do conceito de *Bigness* e do urbanismo metabolista desenvolvido no Oriente.

A primeira parte, que se refere ao capítulo 2, trata do surgimento das Megaestruturas, da definição de seu conceito e de sua crise, enquanto proposta urbanística, tanto a partir da disseminação dos ideais de Maio de 68, quanto da verificação do utopismo das propostas, dada a enorme quantidade de obras inacabadas ou tornadas obsoletas. Nesta parte, também é descrita a crise do conceito de cidade, enquanto estrutura formal orgânica, e o impasse dos arquitetos no Ocidente, frente à questão urbanística metropolitana, com a crise das

seat of millions of people in our cities, of the breath of life and the poetry of living.” KOOLHAAS, *Project Japan*, p. 302.

megaestruturas, conforme enunciado por Manfredo Tafuri. Termina com a retomada da arquitetura na escala metropolitana, defendida por Koolhaas.

A segunda parte trata da importante interação da arquitetura japonesa com as influências estrangeiras, chinesa e ocidental. Embasados na pesquisa do historiador Mitsuo Inoue, acompanhamos o desenvolvimento dos conceitos de *Espaço-geométrico* e *Espaço-movimento*. Verificamos como o desenvolvimento do conceito de *Espaço-movimento* é descrito em conjunto com os princípios filosóficos (os conceitos de Tempo, do Nada e do Vazio) que acompanhavam as variadas vertentes religiosas presentes na cultura japonesa, como o Xintoísmo e as seitas budistas, e que tanto influenciaram sua arquitetura. Descrevemos as ondas de influência corbusiana no Japão e as razões que propiciavam a apropriação de conceitos modernos ocidentais associados aos conceitos espaciais locais.

Na terceira parte, apresento a trajetória de Fumihiko Maki, seus anos de formação no Japão e nos Estados Unidos, sua participação no movimento de vanguarda Metabolista, a influência do *Tradicionalismo Vitalista* de Kenzo Tange, os primeiros projetos de arquitetura de Maki, a descoberta das *Formas em Grupo* e o despertar para a questão do *Design Urbano*. Descrevo também a história do Metabolismo e a continuidade de suas propostas através da dispersão de seus arquitetos pelo Oriente.

Na quarta parte, descrevo o desenvolvimento de conceitos makianos a partir de sua pesquisa para a Graham Foundation, onde Maki analisa as *Formas Coletivas* de cidades históricas que visitou. Apresento a contribuição de Maki para o Urbanismo *pós-CIAM*, o novo urbanismo baseado num *Programa Diretor*, numa concepção de forma aberta, e também apresento o instrumental criado por ele das *Formas em Grupo* e dos métodos de *Linkagem*, que correspondem aos quatro primeiros itens do capítulo. Também dedico um item para a interpretação que Maki faz do conceito de *Oku*, seguindo a orientação *Tradicionalista Vitalista* de seu mentor, Kenzo Tange. Nos últimos itens, verifico através dos exemplos do *Crematório Kaze-no-Oka* e do projeto para intervenção urbana em Hillside Terrace as influências dos conceitos, tais como *Oku*, *Espaço-movimento*, e dos métodos de *Linkagem*, no caso de Hillside Terrace.

Na quinta parte, apresento a trajetória de Rem Koolhaas, com passagens de sua biografia, tais como sua experiência do pós-guerra, sua veia asiática, sua formação na Holanda e na Inglaterra no clima revolucionário de Maio de 68. Trato da crítica neo-marxista feita por Manfredo Tafuri à arquitetura enquanto disciplina comprometida com o sistema capitalista e, por isso, desprovida do caráter revolucionário. Descrevo o percurso de Koolhaas para recuperar o debate sobre a disciplina arquitetônica na escala metropolitana: das estratégias de reabilitação dos preceitos modernos, tais como a *Tabula Rasa*; da defesa da *cultura da congestão*, sua descoberta em Manhattan; e da proposta dos *arquipélagos urbanos*. Trato dos projetos teóricos sobre o *Muro de Berlim* e *Êxodus*, que colocam em questão a ambiguidade ideológica da arquitetura frente à realidade das apropriações feitas pelas pessoas. E por fim, através dos projetos para o Congrexpo e do projeto para a intervenção urbana em Melun-Sénart, verifico a presença das estratégias conceituais desenvolvidas por Koolhaas, tais como o *sistema de vazios*, a proposta do *Programa Diretor* e do *edifício urbano em si*, nas quais podemos constatar a influência oriental, sobretudo dos conceitos makianos.